

REPENSANDO O ANTROPOCENO

RETHINKING THE ANTHROPOCENE

André Luiz Pinto da Rocha¹

RESUMO

O estudo parte da estrutura narrativa do filme “Mindwalk”, Bernt Amadeus Capra, em que três personagens do enredo (uma cientista, um político e um poeta) se encontram e começam a conversar sobre questões tais como a influência da tecnologia na sociedade, a diminuição da poluição e degradação da natureza. De forma parecida, o que se propõe é a interação entre três autores, três atividades e três culturas, no caso, o cientista inglês, autor da teoria Gaia, James Lovelock, depois, o filósofo francês Michel Serres, e a poeta brasileira Adriane Garcia. No caso, pretende-se mostrar como áreas e autores a princípio dispares - uma teoria científica que considera a vida como uma dinâmica estrutural que define o planeta, uma visão filosófica que busca superar as chamadas autoestradas em nome de uma visão sistêmica da relação entre o homem e a Terra, e um estilo que toma a história como chave poética - encontram-se em sintonia ante um dilema que vai do macro ao micro, de forma acentrada, tendo em conta que todas as dinâmicas, todas as formas de existência são válidas ante o modelo padronizado anterior de modernidade e progresso.

Palavras-chave: Serres; Lovelock; Garcia; Filosofia; Poesia.

ABSTRACT

The study is based on the narrative structure of the film “Mindwalk”, Bernt Amadeus Capra, in which three characters of the plot (a scientist, a politician and a poet) meet and begin to talk about issues such as the influence of technology on society, the reduction of pollution and the degradation of nature. In a similar way, what is proposed is the interaction between three authors, three activities and three cultures, in this case, the English scientist, author of the Gaia theory, James Lovelock, then the French philosopher Michel Serres, and the Brazilian poet Adriane Garcia. In this case, it is intended to show how areas and authors who are at first disparate - a scientific theory that considers life as a structural dynamic that defines the planet, a philosophical vision that seeks to overcome the so-called highways in the name of a systemic vision of the relationship between man and the Earth, and a style that takes history as a poetic key - find themselves in tune in the face of a dilemma that goes from the macro to the micro, in a not centered way, taking into account that all dynamics, all forms of existence are valid in the face of the previous standardized model of modernity and progress.

Keywords: Serres; Lovelock; Garcia; Philosophy; Poetry.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Docente II da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). E-mail: andreluizpinto75@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1425-8414>

INTRODUÇÃO

Costuma-se atribuir ao profissional da área de filosofia o papel de *maître à penser*, ou seja, de alguém que inspira, é chamado a pensar, que oferece caminhos ante as aporias, o que não significa necessariamente negá-las; pelo contrário, às vezes se faz, das aporias, caminhos para o pensamento.

O caminho de saída não se opõe à crise, antes, ele cresce da crise como nos versos de Friedrich Hölderlin (1770-1843), celebrados por Martin Heidegger (1889-1976) em “A questão da técnica”: “Ora, onde mora o perigo/ é lá que também cresce/ o que salva”². No entanto, ser chamado a pensar é prioritariamente ouvir. E é nessa escuta, nesse desejo maior de aprender do que de ensinar, de ser conduzido do que de conduzir, que a filosofia se opõe à atividade do publicitário³. Assemelha-se ao ornitólogo em silêncio identificando os vários cantos dos pássaros, em suas diversas espécies, na floresta. Ouçamos o canto dos pássaros, prestemos atenção a esse pássaro da palavra, o poeta. O que eu proponho é um movimento na direção oposta da de Sócrates: acusado por Meleto, um poeta da época, Sócrates em sua defesa não apenas comprova a incompetência técnica e argumentativa de Meleto, como critica os poetas em geral: ele reconhece a beleza das obras dos vates, que os seus poemas sugerem ser de inspiração divina, no entanto, por isso mesmo, ou seja, por serem de inspiração divina, os poetas não deteriam um conhecimento real. Os poetas não seriam capazes de explicar o significado dos versos que proferem; enfim, eles não poderiam ser chamados de sábios. Na mesma seara, Platão via na poesia uma arte reprovável para a moralidade dos cidadãos. Porque a poesia imitava a realidade sensível e sendo a própria realidade sensível na epistemologia platônica uma cópia do inteligível, o que os poetas faziam seria uma cópia secundária que só nos afasta do reino luminoso da verdade. Em **A república**, Platão propõe o banimento do poeta, assim como de sua arte nefasta. No entanto, vinte e cinco séculos depois de uma cultura aparelhada numa razão que, de forma alienante, só privou os seres humanos e a natureza de uma existência autêntica, é mister que se volte os ouvidos para os poetas, que deixemos o poeta falar, até porque, *mutatis mutandis*, se Sócrates estiver certo, mesmo desconhecendo o significado dos versos que pronuncia, é de origem divina as suas palavras. Cabe a nós recolher os restolhos divinos proferidos pela palavra poética, ouvir suas admoestações. Na relação especial do ser humano com a palavra poética, considera-se uma relação igualmente especial a do ser humano com a natureza e sua geografia; digo geografia porque é também em termos geográficos que se explica a dimensão do nosso ser.

No atinente à filosofia produzida no século XX, num caminho oposto ao da física no mesmo período, o tempo foi tratado pela filosofia contemporânea como dimensão ontológica sobrevalorizada, abrindo-se mão de uma noção do espaço que não estivesse submetida a um tempo tido como mais relevante. Estamos aqui para dizer que é possível uma outra interpretação do também famoso verso de Hölderlin de que “...poeticamente/ o homem habita a terra”⁴ que não se restrinja à interpretação de Heidegger: dizer que “poeticamente o homem habita a terra” é também afirmar que sobre a terra ele

2 HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**, p. 37.

3 DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?**, p. 19, “o fundo do poço da vergonha foi atingido quando a informática, o marketing, o design, a publicidade, todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram: é o nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os *conceituadores!*”.

4 **Ensaio e conferências**, p. 37.

decifra o ser e vive as suas crises. Resgata-se com isso a intuição de Edmund Husserl (1859-1938) em **A origem da geometria**, em que o filósofo demonstra o quanto a geometria funda-se no mundo da vida (*lebenswelt*), por exemplo, no simples fato de os seres humanos caminharem. Se no século XX a ontologia era mais atenta à temporalidade em comparação com a espacialidade, por exemplo, nas análises dos afetos que constituem a angústia e o tédio, conferindo a esses estados de humor uma originalidade justamente devido ao modo como o tempo é acessado em suas vivências, é preciso que se atente no século XXI para a trama espacial em que a existência humana se desenrola, por exemplo, na dimensão da biosfera. A exploração desenfreada da superfície planetária, seja careando montanhas, seja alterando o curso dos rios, explorando os mistérios do átomo, seja acelerando a velocidade do aquecimento global, coloca-nos todos em risco. Assume-se a urgência de nosso *Sosein* (Ser-assim) em relação a nosso *Dasein* (Ser-aí)⁵. O termo *Sosein*, extraído de **O princípio-esperança** de Ernst Bloch (1885-1977), diz respeito às condições necessárias para a sobrevivência e dignidade dos seres humanos, segundo o filósofo, ontologicamente tão relevantes quanto os dilemas descritos por Martin Heidegger em sua analítica existencial dirigida à compreensão do *Dasein*, isto é, à compreensão do ser humano enquanto entidade em que se dialoga ser e tempo. Por condições necessárias, elementos de caráter social, político, econômico, e hoje, de caráter ecológico e planetário. Dependendo de como o espaço será ocupado pelos seres humanos, a aceleração na extinção de nossa espécie e a antecipação irrestrita de nossas finitudes tornam-se videntes. Por isso, adotei o termo ‘geografia’ em vez de ‘espaço’: mais do que de uma medição da terra e de sua eventual exploração, ou seja, de uma geometria teórica e abstrata, fala-se de uma geografia, de uma escrita sobre a terra. Trata-se, aliás, da adoção de um termo em nada inédito. Em **O que é a filosofia?**, Gilles Deleuze (1925-1995) utiliza o termo ‘Geo-filosofia’⁶. No caso, pensar não é uma simples elucubração, mas antes, é ocupação de um espaço tanto físico quanto imaginário. O pensamento constituiria uma espécie de solo em que as ideias estão acampadas. As ideias, na expressão de Deleuze, encontram terreno propício ou não para o seu desenvolvimento. Assim, uma ideia como democracia só foi possível porque encontrou no solo grego, na sua cultura, ambiente adequado para o seu florescimento. Uma ideia é um agenciamento de forças. Deleuze fala de territorialização e desterritorialização, ou seja, quando um conceito é remanejado de um espaço histórico específico para responder às demandas de outro espaço. O próprio Heidegger, que citei como o filósofo que valorizou a princípio mais o tempo na compreensão do ser do que o espaço, acabou reconhecendo, quando desenvolvia o conceito de quadratura (*Geviert*) nas obras seguintes a **Ser e tempo**, que a orientação espacial é ontologicamente determinante.

Chamado também de ‘quadratura do ser’, o conceito de quadratura é a ideia de que a abertura ao ser que caracteriza o humano desde sempre dá-se numa totalidade que reúne duas regiões, a terra e o céu, em conformidade com dois entes, os mortais e os imortais. Para Heidegger, tudo é por nós apreendido a partir dessa orientação ontológica espaço-temporal. Esboçar como os humanos desenharam espaço-temporalmente o mundo é o primeiro passo. Na altura em que já se chegou com o texto, entende-se que estou chamando de geografia não apenas uma apropriação espacial, mas uma apropriação espaço-temporal, na sintonia fina em que essas duas coordenadas operam, o que exige que não desconsideremos o tempo só porque está sendo dada uma atenção maior ao espaço geográfico. Longe disso, o que

5 BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**, p. 109-115.

6 **O que é a filosofia?**, p. 111-146.

nossa espécie vive é uma época. Esse ensaio aborda sobre o que é atualmente o nosso maior entrave: os dilemas de uma cultura apoiada no especismo. O conceito, desenvolvido por Peter Singer na polêmica obra **Libertação animal**, de 1975, é a crítica segundo a qual a espécie humana se deu ao direito de explorar, escravizar e matar as outras espécies por considera-las inferiores. O fato é que não há mais como desconsiderar as responsabilidades bioéticas da espécie humana como aquela que biologicamente mais vantagens obteve ao longo da evolução. O caminho a seguir envolve dois passos: 1º, expor aquela que é a mais radical das teorias científicas sobre o estudo dos ecossistemas, a saber, a teoria Gaia de James Lovelock (1919-2022), em consonância, 2º, com dois autores que dialogam com essa perspectiva que denominei geográfica de nosso ser, e que são o filósofo francês Michel Serres (1930-2019) e a poeta brasileira Adriane Garcia. O que eu então proponho é um encontro de três figuras díspares: um biólogo, um filósofo e uma poeta, o que acaba por se estender a três línguas, na medida em que o biólogo é inglês, o filósofo é francês e a poeta, brasileira. E a três modos de observar o mundo: o biólogo, no uso da ciência (eu recorro ao esquema proposto por Gilles Deleuze em **O que é a filosofia?**), agencia as percepções; a poesia, como forma de arte, agencia os afetos, e a filosofia, os conceitos⁷.

O que une os três autores em questão é a urgência de uma mudança que garanta a sobrevivência de nossa espécie. Mas citar Lovelock, Serres e Garcia é não se restringir a eles. E eu podia tê-los substituído analisando a obra de Leonardo Fróes, Ailton Krenak ou Maria Esther Maciel. Ou trazido *in memoriam* Herbert de Souza (1935-1997) ou Vicente Franz Cecim (1946-2021), só para falar dos brasileiros, mas não é uma fogueira de vaidades o que está em jogo aqui. No mais, esse ensaio mostra que, sem advir de parte alguma, em momentos de crise, a dispersão é dirimida, as pessoas são capazes de se concentrar no que há de mais prioritário. Recorrendo novamente ao verso de Hölderlin, diante do maior perigo, as pessoas conseguem enxergar o que as salva. Essa é também a interpretação de Ernst Bloch em **O princípio esperança**. Segundo Bloch, diferente de Heidegger, o verso de Hölderlin traz no final da sentença um “conteúdo intencional do ‘ainda há salvação’”⁸, nas palavras do filósofo, “um momento de guinada em que desapareceu o medo no lugar da morte”⁹. Se os afetos tidos por Heidegger como primordiais são a angústia e o tédio, estes afetos são, segundo Bloch, originários apenas de forma pequeno-burguesa, pois estão marcados pela alienação, pelo desconforto, pela sensação que se perpetua no capitalismo do ‘nunca-estar-em-casa’¹⁰. É, portanto, necessário, “em total oposição” a essa situação, o levante de “*afetos expectantes positivos*”¹¹, dois em especial, “a esperança, que frustra o medo; e a confiança que corresponde ao desespero”¹². Diante do cenário que se apresenta, entre o abismo e alguma saída, é sempre melhor apostar, ainda que ela se mostre no futuro falsa, por alguma saída, pela ideia de que “ainda há tempo de aprender com nossos erros e reverter a situação”¹³. Nesse ponto, sou esperançoso como Bloch. Prefiro assumir o otimismo, e a maior urgência nos dias de hoje é a atenção ao que de fato ameaça a todos: junto a ações concretas, uma transformação do olhar.

7 Op. Cit.

8 **O princípio esperança**, p. 113.

9 Idem.

10 Idem

11 Idem.

12 Idem.

13 NUNES, Ana Carolina. “Do fim do mundo”. In: GARCIA, Adriane. **Estive no fim do mundo e me lembrei de você**, p. 9.

Nesse ponto, o diálogo que proponho entre os três autores também não tem nada de inovador. No filme “Mindwalk”, traduzido no Brasil por “O ponto de mutação”, de 1990, dirigido por Bernt Amadeus Capra, a estória ocorre numa fortaleza medieval no Canal da Mancha, tratado no filme como um local de reclusão em que os três personagens do enredo (uma cientista, um político e um poeta) se encontram e começam a conversar sobre os mais diversos assuntos. Os três vivem uma pausa em suas carreiras, e lá, contaminados pelo bucolismo do castelo medieval, discutem sobre os caminhos da ciência como saber aliciado pelo poderio militar, a influência da tecnologia na sociedade, as pressões no terreno político dos conglomerados empresariais, o impacto dessas questões na garantia de sustentabilidade, diminuição da poluição e degradação da natureza. O que o diretor argumenta é que ações efetivas envolvem uma transformação do olhar, que devemos pensar de forma diferente da forma que estamos acostumados, nas palavras da personagem que é a cientista, substituindo o modelo cartesiano por um entendimento sistêmico em que o mais importante é as relações envolvidas e não os seus elementos, o que é demonstrado no próprio encontro dos personagens, porque, separados, eles não conseguiriam concluir o que obtiveram juntos.

Mutatis mutandis, tirante o fato de eu substituir o político por um filósofo, o interesse é igualmente trazer, na interação dessas atividades distintas, pontos em comum; e que acabem como na frase que encabeça o início do filme, por proporcionar, mais do que uma mudança de atitude, uma mutação.

A TERRA ENREDADA NA VIDA

A hipótese Gaia, ou simplesmente Gaia, afirma que a biosfera, à maneira de um sistema aberto, regula as condições climáticas e geoquímicas do planeta, como se estas estivessem em homeostase.

Originalmente desenvolvida na década de 1960 pelo biólogo James E. Lovelock, o nome refere-se à figura mitológica grega que personifica a Terra. A hipótese, que contou na década de 1970 com a colaboração da microbiologista Lynn Margulis (1938-2011), parte do entendimento de que a composição da atmosfera terrestre só se explica pela interferência dos organismos vivos sobre o material inorgânico. A vida, mais do que um atributo específico de um certo conjunto de criaturas, é um sistema complexo que se autorregula. Noutras palavras, o conceito de vida deixa de ser um atributo exclusivo de certas entidades físicas, os seres vivos, e passa a ser uma estrutura aplicável aos seres em geral na observância de certas condições. Deixa de ser propriedade de uma coisa, e passa a ser propriedade de um certo estado de coisas. Na concepção de Lovelock, os seres vivos estão vivos porque a vida em si se estende num equilíbrio que vai além dessas criaturas, em uma dinâmica mais ontológica do que ôntica. Bela, sem sombra de dúvida, a hipótese de Gaia provocou divisão no meio científico. Para muitos, ela não passa de uma metáfora que tenta alinhar a especulação evolutiva com as demandas do ambientalismo. No caso, uma hipótese que questiona a própria definição da vida e de ser vivo, como se opõe a pilares caros da biologia, como o resgate do finalismo, e, mesmo de um certo vitalismo em que a vida é pensada como um tipo de entidade metafísica que governa a biosfera, dotando-a de objetivo, e mesmo com alguma capacidade de vingança da natureza contra a espécie humana. Além do mais, os motivos da crítica à Gaia devem-se também por Gaia contestar o neodarwinismo, uma tese consolidada quase unanimemente pela comunidade acadêmica. Gaia entraria assim para o escopo das teorias rechaçadas porque

consideram que o neodarwinismo é uma teoria que apresenta falhas, como são os casos também da autopoiese de Humberto Maturana (1928-2021) e de Francisco J. Varela (1946-2001) e o bioconstrutivismo de Richard Lewontin (1929-2021).

No entanto, é preciso fazer uma ressalva: com pretensões de ser uma teoria científica, a hipótese Gaia não postula que a Terra seja ela própria um ser vivo e nem que ela seja dotada de alguma inteligência ou de algum propósito. Pelo contrário, entender Gaia dessa forma seria ainda atribuir a uma entidade particular, no caso, o planeta Terra, o papel de organismo, destacando assim a Terra dos outros planetas, agora tidos como não dotados dessa propriedade. O interessante em Gaia é o fato de ela conceber a vida não como um atributo a ser conferido para uma entidade física qualquer, destacando-a das demais, mas como um enredamento entre as coisas e não como posse das coisas. No caso, a vida assumiu o controle da Terra e a modificou conforme a sua dinâmica, forçando o planeta a se comportar como se fosse um todo vivo. Destarte, Gaia é uma teoria científica, mas também uma tese filosófica, porque concebe a vida como uma ideia, não à maneira platônica de um céu armado de ideias eternas, mas antes, como uma forma de existir. Por esse motivo, quando leio os teóricos de Gaia, entendo como estando vivos o organismo e o meio, pois ambos se encontram agenciados numa forma específica de organização do mundo físico. A vida não se circunscreveria assim apenas aos seres vivos, mas ao ambiente, cujos elementos foram alterados por esses mesmos organismos. Os elementos, agora alterados, exigem também a mudança dos organismos que facultaram tal alteração, num ciclo sem fim. Não se trata aqui da cilada do transcendentalismo, mas de uma natureza que se organiza de diferentes formas, e uma dessas formas é o que chamamos corriqueiramente de vida.

Há um poema de Adriane Garcia que considero lapidar a esse respeito. Trata-se do poema “A teia”, do livro **O nome do mundo**, de 2014. O poema, à maneira do ouroboros, cuja imagem é a da serpente que morde a própria cauda, fazendo com que o efeito interfira nos próprios componentes causais, é bastante ilustrativo na ideia que estamos tentando explicar aqui:

A TEIA

Preso

A aranha

Tece¹⁴

A aranha tece para prender ou tece porque está presa? Trata-se de um ritornelo, conforme Deleuze, a capacidade nas artes de se criar um território semântico novo sem deixar de manter seu lastro com a forma original que deturpou. No caso, a aranha tece a teia. Uma teia feita para prender suas vítimas, ainda que a aranha seja, ela própria, uma das criaturas presas. Trazendo para o escopo do que estamos discutindo, a vida resulta em efeitos cíclicos que acabam incidindo sobre os próprios agentes causais. Para um cientista como James Lovelock, essa é ainda uma concepção por demais metafísica que deve ser evitada, uma metáfora que simplesmente alude ao fato de os componentes do ambiente e os organismos vivos se controlarem reciprocamente. Nesse ponto, considero equivocado o pudor de Lovelock com a própria teoria, pois não se trata de um modelo metafísico sobre o que seja a vida,

14 GARCIA, Adriane. **O nome do mundo**, p. 23.

mas do reconhecimento de que a matéria se organiza de forma diferente diante de moléculas autoreplicantes. Do contrário, um modelo representativo como a tabela periódica teria de ser também classificada de metafísica. Entretanto, as dificuldades em relação à Gaia não são apenas de ordem semântica, mas de ordem também empírica, no quanto de acaso e acidente está em jogo em sistemas organizados. Se a vida é, como Gaia sugere, um tipo de organização, nem sempre os seres vivos modificam o ambiente de forma harmônica; muitas vezes eles agem de forma nociva para com eles mesmos. A verdade é que não há como desconsiderar a entropia, que determina que, independentemente do nível de organização, desordem e aleatoriedade infiltram-se sempre nos sistemas. Apesar das dificuldades empíricas que Gaia oferece, é aceito pela comunidade científica que os seres vivos agem na manutenção de ciclos de elementos como o carbono, o nitrogênio, o oxigênio e o cálcio.

Gaia trata-se de uma abordagem sistêmica em que as partes são observadas a partir do todo, o que a coloca em situação oposta ao teor reducionista de certos campos da geologia e da biologia. É uma hipótese inovadora na maneira como interpreta os sistemas em que o planeta está envolvido, o que deu nascimento inclusive a um novo campo de estudos, as chamadas Ciências do Sistema Terrestre. Opondo-se ao mecanicismo, as Ciências do Sistema Terrestre aplicam a concepção de ciência de sistemas aos fenômenos de nosso planeta. Por ciência de sistemas, qualquer campo multidisciplinar preocupado em compreender ambientes complexos. Com aplicações na psicologia, na biologia, na ciência da computação e mesmo na gestão de negócios, as ciências de sistemas comungam da visão holística de que em certas condições os sistemas são instáveis e que eles podem colapsar em seguida. Consideram-se nas ciências do sistema terrestre os fluxos de matéria e energia entre os diversos subsistemas do planeta, como o impacto das sociedades humanas sobre esses componentes. Por tudo que foi dito, vê-se o quanto Gaia contribui, reporto-me a “Mindwalk”, para uma verdadeira transformação do olhar, ficando evidente a estreita dependência dos seres vivos entre si e o ambiente em que vivem. Nesse sentido, Gaia inverte uma antiga pergunta: se em um experimento como o de Urey-Miller (1952), questionava-se como das condições do nosso planeta veio a vida, o que com Gaia agora se pergunta é o quanto a vida tem sido determinante no próprio desenvolvimento do planeta. Independentemente de Gaia ter contornos transcendentais, é inegável que ela ofereceu suporte não apenas teórico, como técnico¹⁵, para a formação de uma mentalidade ética em relação à natureza, numa época em que a destruição dos biomas só aumenta. Sua importância extravasa os meios acadêmicos, expandida como se encontra hoje nas obras de arte, na literatura, em especial, na ficção científica, em meio a correntes dos mais diversos gêneros. Gaia é um desses pontos de reflexão, como em “Mindwalk”, de mutação, em que, rompendo com um modelo de explicação, chega-se a outra estadia do pensamento da que estávamos acostumados.

PARA ALÉM DAS AUTOESTRADAS

Observar a partir do todo e não da parte, estabelecer um cenário em que se leve em conta os modos de organização dos espaços são contribuições de Gaia e do trabalho de James Lovelock que ultrapassam o trâmite científico. Com o pé já de fora da ciência, é mister que nos ocupemos com a

¹⁵ Por exemplo, na chamada Hipótese CLAW, que considera que o fito-plâncton, por produzir sulfeto de dimetilo, é um dos responsáveis pelas variações da força climática, portanto, na estabilização da temperatura da Terra.

prática política. No caso, não trago como em “Mindwalk” um político de carreira, mas um filósofo que contribuiu para a bioética e a ciência do direito. Trata-se de Michel Serres. Contrário aos grandes sistemas filosóficos presentes desde a Antiguidade, Serres começa por criticar a epistemologia em geral. Ele considera que a filosofia demora em acompanhar os eventos científicos. Destarte, acontecimentos como Hiroshima ofereceriam indagações que as categorias da epistemologia clássica não dariam conta. Propõe assim um percurso intelectual fora das autoestradas, isto é, dos caminhos abertos pelos nomes mais ilustres. São caminhos pré-estabelecidos, cabendo, aos novos intelectuais, a tarefa de aprofundar apenas o percurso definido. Serres é um daqueles filósofos que ocupam mais o papel de escuta do que de fala, fazendo da filosofia um local de diálogo entre as ciências e as artes. Ele chama esses locais de encontro que a filosofia pode forjar de mestiçagem. São redes que garantem que diversos ramos do conhecimento se entrelacem, tencionem-se, encontrando conexões e se fortaleçam. Para Serres, esse é o sentido da hermenêutica: interpretar é abrir caminhos, e abri-los é também inventá-los. Entende-se assim a rejeição de Serres pelas autoestradas: as autoestradas são caminhos conhecidos quando a filosofia deveria ser invenção, perscrutando linhas não convencionais de contato entre a ciência e a poesia. Com isso em vista, Serres analisou os problemas que julgava os principais de nossa época. Como jovem que viveu a Segunda Guerra, ele foi crítico à ciência, chamando de falaciosa a defesa da neutralidade científica. Para Serres, o discurso científico é uma forma de poder e de controle. Oculta a violência que produz sob o disfarce da busca da verdade. O trauma, contudo, que determinou essa constatação foi a destruição de Hiroshima. Ao *eu penso* do cogito, Serres aclama pelo *eu sofro*¹⁶ em que o silêncio ensurdecido da Hiroshima devastada acaba por nos lembrar que a ciência, como no passado os pecados cometidos pela fé, se encontra também com o mal, o sofrimento e a dor. O que se observa é a ciência se deparando com problemas de ordem ética e que a tradição da epistemologia não consegue dar conta por seu apreço à razão. Outro conceito importante de Serres é a noção de rede. Retirada da topologia, a noção de rede diz respeito a uma lógica de conexões que se estendem numa totalidade aberta capaz de crescer em todas as direções.

Como nas redes ferroviárias, telefônicas e neuronais, a rede é uma pluralidade de pontos ligados entre si, em que não há privilégio de um ponto em relação a outro, fazendo com que tenha múltiplas entradas. É uma trama espaço-temporal, com distribuições e desvios. Mais um espaço do que um tempo, pois nesse lugar que é a rede, as coisas são tramadas, negociadas e construídas; além disso, a ela é imputada o que Serres chama de ‘causalidade semi-cíclica’, quando a causa e o efeito não são irreversíveis, o efeito incide na causa, retroalimentando-a¹⁷. Por tudo o que acabou de ser dito, pode-se afirmar que Gaia é à maneira de uma rede. Chego a dizer que, das redes, a maior, pois em Gaia está tudo que a rede descrita por Serres implica: é um sistema de elementos heterogêneos, entradas múltiplas, causalidade reversível, formada por subconjuntos marcados pela coesão interna e ao mesmo tempo por forte interferência entre eles. Pense nos níveis hierárquicos que compõem a biosfera, da célula aos biomas. Nesse sentido, o próprio conceito genérico de vida é um tipo de rede. Isto porque, com Gaia, a vida deixa de ser um atributo particular de um conjunto de entidades, no caso, os organismos, e passa a ser um agenciamento que assumiu o controle da Terra. Há, como expliquei, certa primazia do espaço em relação ao

16 Serres, M. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993, p. 140.

17 Serres, Michel. **A comunicação**, p. 15.

tempo, ainda que a dimensão da temporalidade nunca deva ser desconsiderada; pelo contrário, o tempo expõe uma oportunidade que acaba por definir o sucesso e o fracasso de uma ideia. Estamos entrando na seara de um tema difícil para os defensores de Gaia, contudo, não menos importante: o quanto a entropia recai sobre Gaia, ou seja, o quanto a aleatoriedade e as perdas devem ser levadas em conta pelo próprio sistema. Em todo sistema há ruídos que tentam ser compensados e que devem acontecer para que o próprio sistema possa existir. Do contrário, cairíamos num formalismo que desconsideraria o quanto de intervenção externa qualquer sistema está afeito. O ruído é, portanto, elemento essencial; não é um intruso que perturba o silêncio das coisas perfeitas. Pensando assim, Serres oferece um antídoto que considero importante para a tentação de alguns ambientalistas: a ideia de que a única forma de eliminar o prejuízo que os humanos causam sobre o ambiente é a sua extinção.

Trata-se de uma solução tão simplista quanto o negacionismo. Eliminar a nossa espécie por considerá-la criminosa não soluciona o problema, da mesma forma que simplesmente encarcerar nunca diminuiu os índices de criminalidade. Se o ser humano é o ruído dessa enorme rede que é Gaia, ele é tão essencial à sobrevivência do sistema quanto o agente que o destrói. Retomando o verso de Hölderlin, o ser humano é o maior perigo de Gaia, contudo, ele é o único que pode salvá-la. Até porque não tem sentido acusar todos os humanos como responsáveis pela tragédia que estamos vivendo. Em verdade, apenas um percentual de pessoas se beneficiam do apocalipse que tem sido a degradação da natureza, enquanto que a maioria da humanidade, como as plantas e os animais, vive à margem dos privilégios. Certo de que o pessimismo e a escatologia não contribuem na derrubada do status quo, pelo contrário, que acabam ajudando a manter o establishment na medida em que debilitam as nossas capacidades transformadoras por estimular o niilismo do 'nada adianta', Serres propõe uma visão otimista do mundo. Compartilho com ele da crença de que os humanos podem ser uma força positiva para o ambiente desde que assumam sua enorme responsabilidade. Um otimismo, contudo, nada ingênuo, pois ciente do risco que se atravessa: já se observa a natureza reagindo às intervenções da razão humana, que "cava buracos na vegetação, esburaca a camada de ozônio, expõe o mundo a grandes perigos"¹⁸. A natureza agora exige um contrato em que também sejam celebrados os seus interesses, numa forma original de Serres em se opor ao especismo. O que ele propõe é uma verdadeira revolução contra-copernicana, em que nem o sol e nem a terra são mais o centro, mas num modo em que se reconheça que todos os seres dependem-se mutuamente, devendo ser tratados com consideração. Serres radicaliza as pautas da Ilustração, exigindo um contrato dos seres humanos para com os demais seres que compõem a natureza, dos animais às árvores, rios e montanhas. A tese do contrato social é ampliada num contrato natural em que o direito da natureza é garantido. Os seres humanos deveriam assinar o acordo e se comprometerem em repensar sua interação com o resto do mundo. Substituir o predatismo humano por interações que não se reduzem ao consumo dos recursos naturais e escravização das outras espécies é um debate que pertence a todos, e é aí que se dá o nó górdio. Não nos responsabilizamos só porque reconhecemos uma ação como nossa, isso não diminui o quanto de carne e ovos comemos pela manhã. Os hábitos, como os moralistas antigos nos alertavam, são difíceis de serem expurgados da noite para o dia, eles estão grudados em nós como uma segunda pele difícil de ser arrancada. Precisa-se de um outro recurso que não o cérebro, mas o coração; que não o espírito geométrico, mas o espírito sutil, segundo Pascal (1623-1662), este sim dirigido aos dilemas da moral.

18 SERRES, Michel. **O contrato natural**, p. 78.

A HISTÓRIA TAMBÉM PERTENCE AO CORAÇÃO

São “as razões do coração” que precisam prevalecer aqui, e um recurso poderoso que sempre garantiu seu acesso é a arte. Uma peça teatral, um poema, um filme ou um quadro, podem ter impacto maior do que milhões de páginas escritas. Um filme como “Okja” é capaz de exercer o mesmo efeito catártico do teatro grego, levando o espectador a adotar uma postura mais atenta ao consumo de carne. Chamo a atenção para o terceiro personagem do ensaio: a poeta mineira Adriane Garcia, autora de **O nome do mundo**, de 2014, **Arraial do Curral del Rei, a desmemória dos bois**¹⁹, de 2019, e **Estive no fim do mundo e me lembrei de você**, de 2021, dentre outros. Há um elemento da *ars poetica* de Garcia que se destaca: a forma como ela trata o fenômeno histórico. Se priorizei o espaço, subsumido na ciência empírica da geografia como mote para pensar o humano, está em jogo agora o tempo, subsumido dessa vez na história. Contudo, quando afirmo que a sua poesia assume a história, não quero dizer que Garcia seja uma autora realista, apegada ao fato, com apreço baixo pela metáfora; pelo contrário, a história é tratada aqui como apreensão de um sentido gestado nas formas do inconsciente, numa esfera anterior à distinção entre o coletivo e o pessoal. Ela deixa claro com isso que ‘história’ enquanto conjunto de fatos ocorridos num certo período da humanidade, e a expressão anglo-saxônica ‘estória’ enquanto ficção, se aproximam em seu relato romanceado. Semelhante ao **Romanceiro da inconfidência**, de Cecília Meireles (1901-1964) e **Auto do frade**, de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), em **Arraial**, Garcia elege como epopeia o desmonte do vilarejo de Curral del Rei para a construção de Belo Horizonte. Recuperar o registro de uma história de vencidos exigirá de Adriane o que eu chamo de inventividade empática. A poeta dedica o livro da seguinte forma: “àqueles cuja voz nenhuma memória salvou, a minha imaginação”²⁰. A imaginação é aqui um recurso arqueológico, cobrindo o que a autora chamou de “*Os buracos da história*”²¹. Garcia assume a defesa do Arraial destruído, seus habitantes são identificados como vítimas do progresso, assim como há cem anos outro escritor brasileiro descrevia a guerra travada pelo exército da República contra famintos de outro arraial, Canudos:

Ando por suas ruas
De puro esquecimento

(...)

Procuro rostos antigos
Fantasmas de fotografias
No meio do acidente:
Desde hoje, desde ontem
Desde aquela hora.²²

19 E que a partir de agora chamarei de **Arraial do Curral del Rei** ou simplesmente de **Arraial**.

20 **Arraial do Curral del Rei**, p. 5.

21 *Ibidem*, p. 14.

22 *Ibidem*, p. 15.

O desfazimento da memória de Curral del Rei já era visível no projeto urbanístico da capital: “o projeto de Aarão Reis se constrói como se aqui fosse tábula rasa”, Garcia afirma em entrevista ao Estado de Minas, restando aos habitantes se submeterem a ele, observa a poeta, que é formada em História e em Arte-Educação. **Arraial do Curral del Rei** fala de um passado que é apagado na medida em que o estado definia a toponímia das ruas para a nova capital das Gerais. Estamos diante de um ideário de progresso que submete as expressões culturais a uma hegemonia em que só uma parcela ínfima da população ganha com a exploração dos recursos, extinguindo formas mais harmônicas de convívio humano com a natureza.

Recorrendo à imaginação para resgatar a memória do vilarejo esquecido, Adriane Garcia acabou por suspender o juízo de algumas verdades firmadas oficialmente. Para começar, a ideia de que não houve resistência dos moradores. Na pesquisa feita pela autora para a redação do livro, ela diz haver pistas que apontam o contrário. A resistência de Curral del Rei à construção de Belo Horizonte se deu devido à morosidade, seja no descumprimento de prazos por parte dos moradores contratados para a construção da cidade ou tornando dispendioso, para a elite que despejou os seus moradores, o acesso a serviços. A resistência estava em não oferecer aparentemente resistência, atacando o status quo sob a capa do legalismo. Um exemplo que a autora traz na defesa dessa tese é a história do jornalista Alfredo Camarate, que, tendo procurado no arraial os serviços de um alfaiate para lhe fazer as calças, dele ouviu a recusa do serviço, com a gentil indicação de outro profissional, que seria mais barato. O jornalista achou tacaño o comportamento do alfaiate, embora confessasse cismado. O episódio é tratado no poema LXXXIII e que eu faço questão de publicá-lo na íntegra:

Olha, deixa eu falar uma coisa pro senhor doutor
(não vou fazer calça pra gente do diabo)
O senhor doutor sobe por ali em cima
(que o senhor aboia pros seus bois)
E quando chegar na igreja, o senhor doutor
(mas no meu ofício mando eu)
Segue pela ladeira ali, daquele lado
(não vou fazer calça nem pro senhor)
Lá na esquina, tem outro alfaiate
(nem pra essa corja maldita e mentirosa)
O senhor doutor vá, e fale com ele
(e o senhor me sai do meu estabelecimento)
Que ele lhe costura melhor
(antes que eu acabe falando o que não devo)
E mais barato²³.

Observe os versos entre parênteses e os que não estão: enquanto que os que não estão tratam da fala do alfaiate para com o jornalista, e que oficialmente acabou sendo registrada nos catálogos, são os versos entre parênteses que explicam a tacañice do alfaiate, que agora adota estilo burocrata ante as ordenanças.

23 Ibidem, p. 122.

Dando voz ao alfaiate, que é cidadão comum, **Arraial do Curral del Rei** é um livro em que os personagens, porque anônimos, são todos protagonistas. Em **Os sertões** é Antônio Conselheiro que se destaca; e, em **Auto do Frade**, Frei Caneca é o protagonista; no **Romanceiro da Inconfidência**, Cecília Meireles destaca a figura de Tiradentes; e mesmo num romance mais recente como **Cidade de Deus**, de Paulo Lins, a figura não ficcional de Zé Pequeno guarda a imagem do criminoso que começa a despontar nas ruas da capital fluminense na década de 1970; diferente desses casos, **Arraial do Curral del Rei** é uma epopeia acentrada, em que o arraial é definido pela participação equânime dos personagens. No caso, o apagamento do arraial é rompido na medida em que é igualmente abolida a ideia de uma história fundada no protagonismo de alguns e na coadjuvação dos demais. Estamos diante de uma literatura menor. O conceito de literatura menor, criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1930-1992) em **Kafka para uma literatura menor**, é quando uma obra literária desconstrói a cultura hegemônica a partir do que é oferecido por esse universo dominador. Os autores se servem de Franz Kafka para esclarecer o conceito. Kafka, sendo judeu e checo, escreve em alemão, *desterritorializando* a língua opressiva a seu favor.

No meu entender, a literatura de Garcia é menor à sua maneira: sua iconoclastia, típica do modernismo, rebate a violência própria de nossa modernidade tardia. Garcia assume o moderno no interesse de enfraquecer a sua força. Uma constante sua é uma certa crítica ao que a modernidade prometeu, e que fica também registrado em **Estive no fim do mundo e me lembrei de você**. Garcia denuncia em versos os riscos da era comumente chamada de antropoceno. Livro importante, e que, devido ao espaço, não tive como analisa-lo com o cuidado devido; há, contudo, um poema em **Arraial** que não posso desconsiderar, de tão antológico que ele é em relação ao tema.

Trata-se do poema VIII:

Não há ouro nesta joça
Este Arrudas só tem água
Este Arrudas só tem peixes²⁴

Por 'joça', entende-se como algo imprestável, sem valor. Arrudas é o rio que atravessava na época o arraial e que hoje corta a cidade de Belo Horizonte. É de um rio sem valor, se nele não há ouro e nem pedras preciosas. E o que o rio Arrudas tem a nos dar? A autora escreve, acentuando o desprezo do bandeirante imaginário: é um rio que "só tem águas", que "só dá peixes". O desprezo pela região na época colonial e mesmo durante o império só acaba quando na construção da nova capital. O que então se observa é a passagem da sociedade mecânica em orgânica, de uma mais disposta em inscrever geograficamente o ser humano na Terra por uma que esquadrinha, geometriza o planeta a fim de otimizar seus recursos.

Diante da urgência que estamos vivendo, talvez não caiba outra literatura que não seja menor, não necessariamente engajada, mas em que tudo seja político²⁵, ou seja, enquanto que nas 'grandes' literaturas, o indivíduo se sobrepõe ao coletivo, na literatura menor, o que ocorre é "completamente diferente"²⁶: pelo fato de o espaço de atuação ser "exíguo", questões individuais estão "imediatamente

24 Ibidem, p. 21.

25 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka por uma literatura menor**, p. 39

26 Idem.

ligadas à política²⁷. Os problemas deixam de ser pequeno-burgueses. Trata-se de uma literatura menor por ser em relação ao sentimento de pertencimento. Novamente, a literatura de Adriane Garcia é menor por excelência, seja no poético título **Só, com peixes**, seja na ontologia de **O nome do mundo**, na dimensão mítico-religiosa dos recentes **Eva-proto-poeta** e **A bandeja de Salomé** e na esfera fabular de **Fábulas para adulto perder o sono**. Cada um desses livros envolve à sua maneira um programa político.

Há um ponto importante a ser salientado, e que extrapola a análise perpetrada sobre a poética de Garcia: no meu entender, a poesia é a 'menor' das artes, a mais política de todas. Por fim, duas lições que devemos extrair do que expomos até aqui sobre a obra dessa poeta: 1º, a exploração sobre os recursos naturais é apenas uma extensão do que já ocorre entre os seres humanos; 2º, agimos de forma a se apropriar do espaço geográfico, o território ocupado é ainda o bem inicial que se expolia dos vencidos, e que uma das formas de ocupação é apagando as marcas dos antigos proprietários. Essas são algumas estratégias de apropriação dos terrenos e dos corpos.

CONCLUSÃO

Subimos, junto de três amigos, ao longo de uma pequena colina, atravessamos a escarpa e aqui estamos; esses três personagens, que são três autores, nos ajudaram, enquanto fazíamos a trilha, com suas digressões, e o que antes era impossível de atravessar, se mostrou depois uma vastidão. O ensaio que se desenrolou acabou indo do macro ao micro; no caso, da imensidade que é Gaia à desapropriação de um vilarejo para a construção da capital mineira, o que, para a lógica progressista, só beneficiou. Quisemos mostrar o quanto uma situação local está em sintonia ao ocorrido globalmente, e, no caso de Curral del Rei, mais do que isso: da mesma forma que a extinção das civilizações pré-colombianas serviu de modelo ao que aconteceria, devido à política europeia metalista, nos séculos seguintes, com o resto do mundo, a desapropriação do vilarejo prenuncia outras situações que se repetiriam às dezenas em outras partes do país. Minas Gerais é o estado brasileiro em que ocorreram duas das maiores tragédias de destruição ambiental por ação humana: o rompimento da barragem do Fundão de Mariana, que resultou na morte de dezenove pessoas, e a destruição do Rio Doce, um dos mais importantes do país, e também o rompimento, subsequente, da barragem da Mina Córrego do Feijão, também chamada de barragem de Brumadinho, resultando em 270 vítimas fatais. Se não bastasse, assim como em Curral del Rei, na barragem de Mariana, o preço do progresso foi a destruição do distrito de Bento Rodrigues.

Os poetas podem ser incapazes, como Platão pensava, de ascender ao universal, os poetas talvez nem devam ser chamados de sábios; porém, é dedicando-se ao particular que eles chegam a um plano acima das nossas vãs filosofias. Revivendo os esquecidos de Curral del Rei, Garcia também trouxe a lume Bento Rodrigues, outra vítima do progresso. Como vimos, a poeta relembra das histórias do vilarejo, recria o que pode ter ocorrido e ao lembrar imaginativamente, menos à maneira da reminiscência platônica e mais à maneira do poeta Waly Salomão (1943-2003) em que "a memória é uma ilha de edição", desvela o que talvez seja a verdade.

De modo acentrado, ou seja, sem perspectiva de protagonismo, em que toda e qualquer ação repercuta decisivamente na coletividade, Garcia pensa a história de um modo acentrado, em termos

27 Idem.

filosóficos, como uma rede, tal como vimos em Serres e em Lovelock com Gaia. É o que torna a meu ver **Arraial do Curral del Rei** um livro único, sem paralelos, da literatura brasileira; é o que aproxima Garcia, por exemplo, de Serres em sua proposta por uma filosofia fundada em conexões acêntricas, e muito mais da Hipótese Gaia, de Lovelock, em que a vida é mais um tipo de organização da matéria do que uma propriedade de certos entes.

Por sua vez, Gaia é prova de que a ciência não é unívoca, e que para fazer ciência é mister não apenas curiosidade, espírito de investigação, rigor científico, valores que sempre soubemos como sendo necessários para a atividade do cientista, mas é também preciso de uma certa coragem. Digo coragem como capacidade de extrapolar o status quo, de não se fiar completamente na tradição, de ousar saber (*sapere aude*), não se rendendo aos ídolos. Sim, a ciência também tem seus ídolos, financiadores incontestáveis que dirigem a pesquisa científica. A Hipótese Gaia é uma aposta corajosa, 1º, por ser uma voz dissonante ao neodarwinismo, no que tange à separação entre o indivíduo e o ambiente, assim como ao reducionismo mecanicista, e, 2º, por se saber política, isto é, por reconhecer na sua explicação um potencial moral transformador do ser humano com a natureza. Os teóricos de Gaia talvez nem tenham dado conta, e é mais provável que eles até discordassem se ouvissem o que vou afirmar, mas com Gaia cai por terra a crença na neutralidade científica. Fizemos também considerações conceituais: diante da urgência da questão sobre o destino de Gaia, o espaço, em sua apreensão mais empírica, a geografia, ganhou contornos mais valorizados. O tempo é de urgência, mas ao espaço, à geografia do espaço, à maneira de os humanos escrevem sua história no planeta, é preciso encontrar formas mais harmônicas. Estamos diante de uma reviravolta, de uma urgência por mudança, só possível quando vozes das mais diversas conseguem coagular, apesar das discrepâncias, o mesmo sentido. Lovelock, Serres e Garcia: são três vozes diferentes, e que eu espero tê-las ouvido, junto de vocês.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Ernst. **O princípio-esperança**. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GARCIA, A. **Arraial do Curral del Rei, a desmemoria dos bois**. Belo Horizonte: Conceito, 2019.
- GARCIA, A. **Estive no fim do mundo e me lembrei de você**. São Paulo: Peirópolis, 2021.
- GARCIA, A. **Eva-proto-poeta**. Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2020.
- GARCIA, A. **O nome do mundo**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti Schuback. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOVELOCK, J. **Gaia, um novo olhar sobre a vida na Terra**. Trad. Pedro Bernardo. Lisboa: Edições 70, 1995.

MORAES, M. “O conceito de rede na filosofia mestiça”. *Revista Informare*, v. 6, n.1, p. 12-20, 2000.

SERRES, M. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, M. **O contrato natural**. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SERRES, M. **O mal limpo, poluir para se apropriar?**. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

VEIGA, J. (Org). **Gaia, do mito à ciência**. São Paulo: Editora Senac, 2012.